

## A Constituição de Sarney

Ricardo Noblat

**E**M novembro do ano passado, um dia antes de a Comissão de Sistematização da Constituinte contemplar o presidente José Sarney com o mandato de quatro anos, o deputado Ulysses Guimarães recebeu um telefonema do deputado paulista José Serra, seu colega de partido. Ulysses considerava certo o voto de Serra a favor do mandato de cinco anos. Surpreendeu-se quando ficou sabendo que o deputado aderira ao mandato de quatro.

"Esse pessoal está cometendo um grave erro", observou Ulysses, desolado. "Não se deixa em palácio um presidente ferido". Ulysses temia que Sarney reagisse à vitória do mandato de quatro anos pondo em risco o processo de redemocratização do país. O cuidado para que Sarney não fique ferido em palácio ditou o comportamento de Ulysses ante o ataque presidencial à Constituinte da última terça-feira.

Ulysses escolheu adjetivos duros para responder ao discurso de Sarney — mas a parte substantiva de sua resposta serviu para deixar aberta a porta do entendimento entre ele e o presidente. Ulysses reconheceu que alguns pontos do projeto de Constituição podem e devem ser alterados, como quer Sarney. E, depois, tudo fez para que seu amigo Renato Archer não deixasse o Ministério da Previdência Social.

Archer saiu do governo contra a opinião de Ulysses, que se opôs, também, à saída dos ministros Luís Henrique e Celso Furtado. Luís Henrique relutou em sair — acabou se rendendo a pressões de algumas áreas do PMDB. Celso Furtado quase ficou no governo, se dobrando a um apelo patético que lhe fez, pessoalmente, o presidente da República. Furtado afeiçoou-se a Sarney, embora discordasse de sua política econômica.

Os lucros políticos de Ulysses com essa recente crise já foram contabilizados. Ele e o processo de redemocratização do país nada ganharão mais de substancial com o rompimento formal do PMDB com Sarney e com o seu governo. Isso não ocorrerá. Nem se tivesse planejado, o presidente da República teria feito melhor por Ulysses e pela Constituinte. Sarney reabilitou Ulysses como candidato à sua sucessão.

Com o que fez, contribuiu, largamente, para que o PMDB atravessasse inteiro, ou quase assim, a Convenção



Nacional marcada para o próximo dia 21. Ajudou a fortalecer a candidatura de Archer à 1ª vice-presidência do partido. De quebra, pavimentou a estrada que permitirá ao PMDB assumir uma postura de maior independência em relação ao governo. Isso será muito bom para o partido às vésperas de eleições.

Na Constituinte, Sarney assegurou a aprovação rápida, a toque de caixa, ressalvados os artigos destacados para votação em separado, do projeto de Constituição que ele mesmo condenara. Os líderes do falecido *Centrão* imaginavam ter a ajuda do presidente para negociar a mudança de mais de uma dezena de artigos do projeto. Por iniciativa do governo, foram apresentadas mais de 50 emendas ao projeto de Constituição.

Sarney conseguiu reduzir a margem de manobra dos seus aliados na Constituinte. Conseguiu reduzi-los à humilhante marca de pouco mais de 60 votos, contrários à aprovação em bloco do projeto. Os pontos que a liderança do PMDB admite alterar no projeto são os mesmos, talvez até em número menor, que admitia antes do discurso, intelectualmente desonesto, do presidente.

De resto, não foi a liderança do PMDB que bancou a aprovação da anistia dos pequenos e médios empresários — foi boa parte do *Centrão*. Foi proposto pelo *Centrão* o artigo que efetivou os funcionários públicos com mais de cinco anos de serviço. Sarney reclamou do artigo que tornou ilimitado o direito de greve. Por conveniência, esqueceu de dizer que o artigo terá que ser regulamentado por lei ordinária.

Na regulamentação, o direito de greve poderá ser limitado. Também por conveniência, o presidente não se lembrou de dizer que concordara com a aprovação do artigo que anistiou e garantiu a readmissão dos funcionários de estatais dispensados por terem se envolvido em greves consideradas ilegais. No dia seguinte ao seu discurso, Sarney saiu de cena para dar lugar à ressurreição de Ulysses.

O Ulysses das "diretas, já" estava morto e sepultado. Viva o Ulysses "senhor da Constituição" — que por mais defeitos que tenha, e não os tem assim em tão grande quantidade, será sempre melhor que nenhuma Constituição, ou que a atual. Por mais que se empenhe em demonstrar que nada tem a ver com a nova Constituição que se elabora, Sarney não conseguirá se livrar da responsabilidade para com ela.

É, duplamente, responsável: por ter-se omitido da sua confecção, interessado, apenas, em obter o mandato de cinco anos, e por ter colaborado para que ela saia como está, com seu desastrado gesto da última terça-feira. A Constituição é de Ulysses mas é também de Sarney.